

Prisioneiro

Prometeu algemado à cruz das dores,
Bendize, em pranto, a divinal sentença
Que te guarda no mundo a alma suspensa,
Entre abismos, angústias e pavores.

Na treva dos gemidos remissores,
Abre o sacrário virginal da crença
E fita a vastidão divina e imensa,
Estrelada de sonhos e esplendores...

Do céu que buscas torturado e crente,
Desce a esperança milagrosamente
Por níveo anjo sobre a estranha grade...

E encontrarás chorando de alegria,
Além da noite dolorosa e fria,
O caminho da Eterna Liberdade.

CRUZ E SOUZA

O enjeitado

Mulher moça abandona, em grande pátio imundo,
O filhinho que, em vão, lhe dera a vida ao seio;
Depois, vende prazer, comprando, a bolso alheio,
A posição faustosa e o renome infecundo.

Corre o tempo... Mais tarde, aos empuxões do mundo,
Certa noite, ela aguarda alguém para recreio...
Entra um jovem ladrão, abre-lhe o cofre cheio,
A dama roga auxílio e agarra o vagabundo...

Ele brande o punhal e o sangue se lhe verte...
Agonizante, fita — embora o corpo inerte —
O rapaz que lhe furta as jóias do peitilho;

Súbito, encontra nele o enjeitado de outrora,
E, tarde, a pobre mãe debalde grita e chora:
— «Perdoa-me, Senhor!... Não me mates, meu filho!...»

NARCISA AMÁLIA